



CARLOS FUENTES

Aquiles

ou O Guerrilheiro e o Assassino



CARLOS FUENTES

Aquiles

*ou O Guerrilheiro
e o Assassino*

Traduzido do castelhano

por HELENA PITTA

Canta, imortal, a cólera de Aquiles.

HOMERO

Esqueci o meu nome...

CARLOS PELLICER

Neste país, quatro meses parecem quatro séculos...

PROVÉRPIO COLOMBIANO

1

Há homens que recordamos, embora nunca os tenhamos visto.

Tinha a certeza de que nunca pusera os olhos no jovem adulto que, no avião, se sentou à direita da minha fila. Separava-nos o corredor.

Chamou-me a atenção, assim que ocupei o meu lugar, o desassossego incontrolável daqueles que deveriam permanecer mais calmos. Reparei na dificuldade com que dissimulavam os movimentos agitados da maçã de Adão. E embora fossem homens altos, com boa figura, de cabelo frisado bem cortado e desbastado por um bom cabeleireiro, cheiravam a loção barata. Tinham um olhar vazio, desprovido de carinho. Eram autómatos dedicados à sua profissão. Rodear, proteger, mas sem amor. Eram inconfundíveis. Eram guarda-costas.

Lembro-me de tudo desfocado, como numa fotografia de batalha.

A única coisa nítida era a figura do jovem adulto protegido pelos guarda-costas que, por momentos, escondiam o perfil do homem sentado à direita da minha fila, no avião.

Não sei porquê, recordei-me de uma frase de Alfred de Vigny que me acompanha ao longo da vida: «Ama intensamente o que nunca voltarás a ver».

A uma mulher pode perguntar-se, mesmo arriscando prestar-se ao ridículo: «Por acaso, não nos conhecemos?».

A relação entre homens não tolera este tipo de abordagem. É necessário ter certezas. Conhecemo-nos em tal sítio. Fomos colegas de escola. Jogámos na mesma equipa.

Mas eu nunca vira este homem. Não tinha pretextos para me aproximar dele. No entanto, isso não diminuía a minha atração por uma pessoa que comecei a construir a partir do interior, sem outros dados além da sua presença física. Vigoroso embora vulnerável, simultaneamente terno e ameaçador, como se o seu grande perigo fosse a necessidade de proteger o íntimo através de uma couraça de determinação guerreira.

Assim o imaginei, metendo-o quase num *corrido* mexicano, num *vallenato* colombiano ou, porque não, numa canção de gesta.

Quando entrou no avião, notei nele um andar doloroso, precavido, cauteloso, que transformava o 727 em parte de uma natureza arisca, a que ele ascendia como se sobe a uma montanha hostil ou se enfrenta uma águia vingativa.

Por outro lado, o meu jovem e belo desconhecido quase transformava o aparelho num seio materno, acolhedor, onde o filho pródigo se protege, aninhado, finalmente a salvo dos perigos do mundo...

Onde já o vira? Mentalmente, revii fotografias, amizades, filmes, noticiários da televisão... É possível. O problema é que cada uma dessas possibilidades excluía a fisionomia do homem sentado à minha direita, à janela, no outro lado do corredor.

Rodeavam-no, na fila anterior à dele, na de trás e nos assentos contíguos, os inconfundíveis guarda-costas que já mencionei e que agora observei com atenção (não direi com fascínio). A prevenida rigidez dos corpos. As volumosas couraças por baixo dos fatos pretos. Os coletes metálicos que lutavam por espreitar atrás dos nós mal feitos das gravatas,

manchadas de gordura, enviadas demasiadas vezes para a lavanderia... Faziam uma gala estúpida, inconsciente, do seu mistério. Mas não tinham nenhum, exceto o de não saberem ser transparentes. Os peitinhos metálicos estavam prestes a partir o trabalhoso botão da camisa.

Cruzei o olhar com o jovem quando pediram que nos sentássemos nos nossos lugares e apertássemos os cintos de segurança.

Nunca vi olhos tão melancólicos em alguém do meu próprio sexo. Olhar mais distante, amoroso, terno, risonho, imerso em órbitas tão sombreadas, românticas, como as de um poeta do século XIX que nunca tivesse pensado em suicidar-se, até o fazer. Ou em viver até velho, sabendo que o mar e a tempestade, a dor e a febre não lhe dariam vida longa.

Tinha o cabelo encaracolado, abundante e acobreado, o bigode crespo e tão largo como a boca grande, sorridente, propensa a desmentir a tristeza do olhar.

O seu bigode era tão apelativo e carnal que, se o tivesse deixado crescer mais, a boca teria crescido com ele.

Porque não usava capacete?, interoguei-me sem qualquer motivo, inesperadamente. Vendo-o sentado ali, rodeado de gente armada, perguntei-lhe, disse-lhe em silêncio:

«Põe depressa o teu capacete, arma-te já, não vês que indefeso estás, pobre de ti, tão belo, tão jovem, tão melancólico, tão desamparado. Não tens pais, irmãos, filhos, mulheres, amigos que, fervorosamente, sintam a ausência da tua vida, da tua proximidade?»

Continua, *continua*. Também não sei por que esse verbo, na forma imperativa, me atravessou os lábios. Tens de continuar, quem quer que sejas, como quer que te chames, não pares, não me perguntes porquê, mas sei que precisamos de ti. Todos precisamos de ti...

«Não pares. Continua.»

Tinha um perfil perfeito e olhos de santo frustrado.

A cabeça descoberta, o sorriso aberto, as mãos que se ergueram por instantes para ajeitar o cabelo, para coçar o pescoço onde a barba insistia em renascer.

O ruído do Boeing 727 de Bogotá para Barranquilla, cheio de passageiros. A descolagem. O avião, levado já pela sua própria força, cursando as ondas do outro grande oceano que é o céu, promessa de infinitude, aproximação das nossas mãos frágeis ao mistério do que nunca começa e nunca acaba, a ideia insuportável, aterradora, de um universo sem princípio nem fim onde só nós, só nós, somos a exceção à regra, a mortalidade avisada e prevista, a voz que fala à montanha, às estrelas, às espécies inconscientes da sua própria morte, ao cão e à rã, ao tubarão e ao condor:

– Tu não sabes o que é a morte...

Voávamos sobre a grande savana em direção às montanhas, que são o punho fechado do país. Queria admirar esse grande pano de bilhar que rodeia Santa Fé de Bogotá. Distraíram-me as hospedeiras que se preparavam para oferecer bebidas. O sinal de não fumar e de apertar os cintos apagava-se. Lá longe, no fundo do corredor, outra hospedeira demorava-se, demonstrando as medidas de segurança.

O avião ia cheio. Muitos homens viajavam de chapéu na cabeça, denunciando (ostentando, talvez) a sua orgulhosa origem regional. Homens de Boyacá, de chapéu preto, poncho e bigode aparado.

Antioquenses de blusões de couro e chapéu de vaqueiro.

Habitantes da costa de chapéus de aba.

Freiras. Mulheres com cabelo armado, com a laca a desenhar um piano de cauda, ao estilo da senhora Thatcher.

E uma belíssima jovem senhora indiferente aos filhos, que brincavam com os sacos de enjoo e com os cartões

plásticos descritivos das medidas de segurança do avião. Mulher belíssima, como só as colombianas o são às vezes, com um brilho simultaneamente louro e moreno, uma mistura perfeita de tons luminosos e sombrios.

Como o próprio homem que atraíra a minha atenção, esta bela senhora era olheirenta e melancólica, mas com um sorriso de cintilações. Enquanto lia a revista de modas e cruzava as longas pernas, espreitando uma delas para além do limite permitido do assento, a perna estendida no corredor, de sapato delicado, suave como uma luva, suspendia brincalhona, distraidamente, o hospitaleiro pé. A perna bronzada, depilada.

Imaginei que a bela senhora poderia ser o par do homem bonito de olhos sonhadores e lábios sorridentes, que coçava o pescoço à altura do nascimento da barba no instante em que as balas lhe atravessaram a garganta, a cabeça, as mãos, tudo o que não estava coberto foi atravessado por um raio: quinze balas.

Um as atingiram o corpo do homem, outras, a fuselagem do avião, os miolos espalharam-se, bateram na janela, cobrindo-a de nuvens. Um jorro de sangue brotou-lhe do pescoço. As mãos eram rios avermelhados, procurando desesperadamente o gesto final, a despedida, o voltar a si.

– Aquiles morreu – disse apavorado, sem saber porquê, erguendo-me do meu assento, preso pelo cinto de segurança, com a Coca-Cola derramada nas calças, a confusão e os gritos a esconder-me a cena, a minha voz a tentar dizer a oração, o responso, o poema:

Aquiles morreu.

Feriram-no nos calcanhares, na cabeça, no pescoço, nas mãos, em tudo o que ele tinha para mostrar ao mundo para que o mundo o amasse, mesmo que o mundo o matasse.

Morreu a voz que dizia aos outros:

Não sou só couraça de guerra.

Também sou cabeça de paz.